



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Jornalismo Literário e crítica Filosófica em Walter Benjamin
Autor	Walter Benjamin
Tradutor	Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 5, Campinas, 2021
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4397

Formato sugerido de citações:

LAMA, Fernando Araújo Del; MIRA, Lutti. “Apresentação das resenhas selecionadas”. Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 498-505.

BENJAMIN, Walter. “F[élix] Armand et R[ené] Maublanc, Fourier. 2 tomos. Paris Editions Sociales Internationales 1937. 264 p.1”. Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 506-509.

BENJAMIN, Walter. “Kierkegaard. O fim do idealismo filosófico”. Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 510-514.

BENJAMIN, Walter. “Baudelaire sob o capacete de aço”. Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 515-518.

BENJAMIN, Walter. “Georges Laronze, Le Baron Haussmann. Paris: Librairie Félix Alcan, 1932”. Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 519-522.

JORNALISMO LITERÁRIO E CRÍTICA FILOSÓFICA EM WALTER BENJAMIN

Apresentação das Resenhas
selecionadas¹

Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira*

Apresentação

A presente seleção visa permitir ao estudioso lusófono da obra de Walter Benjamin² lançar nova luz sobre uma relação pouco investigada, a saber, aquela entre o “jornalismo

¹ Uma versão parcial das traduções aqui apresentadas foi discutida no Grupo de Orientação coordenado pelo Prof. Ricardo Ribeiro Terra, a cujos participantes Ana Cláudia Lopes Silveira, Frederico Almeida Ramalho, Jéssica Valmorbida e Luciano Rolim, além do próprio coordenador, os tradutores agradecem pelo auxílio em algumas das soluções adotadas.

* Fernando Araújo Del Lama é doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre a ideia de materialismo em Walter Benjamin sob orientação do professor Ricardo Ribeiro Terra e apoiada financeiramente pela FAPESP (Processo Nº: 2017/05560-5, para a bolsa no país, e 2019/03048-0, para a bolsa de estágio de pesquisa no exterior, realizado entre setembro de 2019 e agosto de 2020 na Humboldt-Universität zu Berlin sob supervisão do professor Daniel Weidner). Lutti Mira realiza doutorado direto em Filosofia na Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre os *Grundrisse* de Karl Marx sob orientação do professor Ricardo Ribeiro Terra e apoiada financeiramente pela FAPESP (Processo Nº: 2020/16260-5).

literário”, por assim dizer, e o desenvolvimento de certos temas pela sua crítica filosófica. Dentre as inúmeras possibilidades aí contidas – são mais de 150 resenhas, sobre diferentes temas de seu interesse –, propusemos a tradução de quatro resenhas de livros que, de alguma forma, ocupam um lugar importante na constituição de suas *Passagens*:³ seguindo a ordem dos temas apresentada nos “*Exposés*”, as resenhas versam sobre (i) uma antologia de textos de Fourier, (ii) o livro de Adorno sobre Kierkegaard, (iii) uma crítica mordaz de uma interpretação de Baudelaire ligada ao Círculo de Stefan George e (iv) uma biografia do Barão Haussmann. Fazemos breves considerações a respeito de cada uma delas, bem como de seu reaproveitamento no contexto específico das *Passagens*.

2 Os textos de Walter Benjamin são citados de acordo com a edição *Gesammelte Schriften*, estabelecida por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser e editada em sete volumes pela editora Suhrkamp entre 1972 e 1989 (BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften*. Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. 7 Bd. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972-1989). Os textos inseridos em volumes já publicados da edição crítica (BENJAMIN, W. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe – Band 19: Über den Begriff der Geschichte*. Hrsg. G. Raulet. Berlin: Suhrkamp, 2010 e BENJAMIN, W. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe – Band 13: Kritiken und Rezensionen*. Hrsg. H. Kaulen. Berlin: Suhrkamp, 2011) são indicados de modo complementar, através da abreviatura *WuN*. Do mesmo modo, as cartas são citadas de acordo com a edição *Gesammelte Briefe*, abreviada por *GB*. Quando necessário, são indicadas na sequência, entre colchetes, ano e página das traduções utilizadas, as quais podem ser conferidas nas referências bibliográficas ao final do texto. Além disso, a referência à tradução para língua inglesa é feita de acordo com o segundo volume da edição *Selected Writings*, organizada por Michael W. Jennings e editada em quatro volumes pela Harvard University Press entre 1996 e 2006, sob a abreviatura *SW* (BENJAMIN, W. *Selected Writings*. Ed. M. W. Jennings. 4 vols. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1996-2006); já as referências às traduções para a língua italiana seguem os volumes quatro, cinco e seis da edição *Opere Complete*, organizada por Enrico Ganni e editada em nove volumes pela Giulio Einaudi entre 2000 e 2014, sob a abreviatura *OC* (BENJAMIN, W. *Opere complete*. Ed. E. Ganni. 9 vols. Torino: Giulio Einaudi, 2000-2014).

3 BENJAMIN, W. *Passagens*. Org. W. Bolle; trad. do alemão I. Aron; trad. do francês C. P. B. Mourão; rev. técnica P. F. Camargo. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

A primeira das resenhas apresentadas, sobre a antologia de textos de Fourier editada pelos filósofos marxistas Félix Armand e René Maublanc, foi publicada no terceiro caderno do sexto número da *Zeitschrift für Sozialforschung* (Revista de Pesquisa Social), em 1937. Na famosa *Verzeichnis der gelesenen Schriften* (Reunião de livros lidos) alimentada por Benjamin ao longo de toda a sua produção intelectual, a antologia corresponde à entrada de número 1610, registrada no bloco das leituras realizadas em Paris entre janeiro e maio de 1937 (ver Benjamin GS VII-1: 473), o que significa que Benjamin a leu logo após a publicação.

O livro é citado em surpreendentes 24 entradas, distribuídas por seis arquivos temáticos – “A – Passagens, *magasins de nouveautés, calicots*”, “B – Moda”, “G – Exposições, reclame, Grandville”, “b – Daumier” e “g – A bolsa de valores, história econômica”, com uma em cada arquivo, e as outras 19 em “W – Fourier”. As anotações contêm citações diretas de Fourier extraídas da antologia, mas também trechos do abrangente estudo introdutório de quase 200 páginas de autoria dos editores, acerca de vários aspectos do pensamento de Fourier, dos mais esotéricos (ver, por exemplo, a orquestração cósmica da utopia fourierista em Benjamin GS V-2: 787 / W 11a, 9) até os mais calcados na realidade material (ver, por exemplo, a enumeração dos sete direitos naturais e a integração do pobre no modelo utópico de Fourier em GS V-2: 793 / W 14a, 10; W 15, 1, ou a descrição do “trabalho apaixonado” dos harmonianos em GS V-2: 796 / W 16a, 1). Além disso, “[a]s teorias de Charles Fourier”, afirma Heinrich Kaulen no Comentário à resenha em questão na *Kritische Gesamtausgabe* (Edição geral crítica), “foram de importância

central para a filosofia da história de Benjamin” (Kaulen in Benjamin *WuN* 13.2: 490), importância esta que pode ser facilmente atestada pela leitura da décima primeira das teses “Sobre o conceito de História”,⁴ na qual Benjamin contrapõe o “trabalho social bem organizado” dos harmonianos de Fourier à concepção positivista da exploração do trabalho e da dominação da natureza defendida pelos socialdemocratas, com o intuito de fortalecer a crítica do ideal de progresso que fundamenta sua filosofia da história (ver Benjamin *GS* I-1: 698-9 / *WuN* 19: 75-6).

A segunda resenha, que trata do livro de seu amigo Theodor W. Adorno sobre Kierkegaard, foi publicada no *Vossische Zeitung* no início de abril de 1933. Na *Verzeichnis der gelesenen Schriften*, o livro corresponde à entrada de número 1230, registrada no bloco das leituras concluídas em Berlim entre novembro de 1932 e março de 1933 (ver Benjamin *GS* VII-1: 466).

Como sugere Heinrich Kaulen no *Comentário* à resenha em questão na *Kritische Gesamtausgabe* (Edição geral crítica), “[d]etalhados excertos também foram incluídos em diferentes arquivos temáticos [*Konvolute*] das ‘Passagens’, especialmente naqueles sobre o interior e sobre teoria do conhecimento” (Kaulen in Benjamin *WuN* 13.2: 387). Na verdade, o livro de Adorno é citado em cinco entradas, distribuídas entre quatro arquivos temáticos: as entradas I 3, 6 e I 3a (ver Benjamin *GS* V-1: 289; 290-1) do arquivo temático “I – O interior, o rastro”, a entrada N 2, 7 (ver Benjamin *GS* V-1: 575-6) do arquivo temático “N – Teo-

4 BENJAMIN, W. “Sobre o conceito de História”. In: LÖWY, M. *Walter Benjamin – aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Trad. das teses J. M. Gagnebin e M. L. Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

ria do conhecimento, teoria do progresso”, a entrada R 3, 1 (ver Benjamin GS V-2: 672) do arquivo temático “R – Espelhos” e, finalmente, a entrada S 2a, 2 (ver Benjamin GS V-2: 680) do arquivo temático “S – Pintura, *Jugendstil*, novidade”. Considerando sobretudo a importância que o tema do *intérieur* assume nas *Passagens*, destacam-se, entre elas, a entrada I 3a, na qual Benjamin reproduz um trecho do *Diário de um sedutor*, de Kierkegaard, sobre a descrição da sala de estar de Cordélia, exemplo paradigmático de um *intérieur*, bem como o comentário de Adorno a respeito de tal trecho, bastante afinado à concepção benjaminiana do interior burguês como fantasmagoria da modernidade; e a entrada N 2, 7, na qual Benjamin reproduz novamente uma citação de Kierkegaard e o comentário de Adorno, que versam sobre o modo como imagem, mito e dialética se entrelaçam na modernidade.

Já a terceira resenha, que faz uma crítica do livro *Baudelaire. Welt und Gegenwelt (Baudelaire. Mundo e contramundo)*, de Peter Klassen, foi publicada no suplemento literário do *Frankfurter Zeitung*, na edição de 23 de agosto de 1931. A título de curiosidade, por alguma razão desconhecida, o livro de Klassen não consta em sua *Verzeichnis*, apesar de estar mais do que certo de que Benjamin o leu.

Dentre as resenhas coligidas nesta seleção, esta a propósito de Baudelaire é a menos citada entre os fragmentos: são apenas duas entradas, J 39a, 4 e J 40a, 2 (ver Benjamin GS V-1: 380; 381), ambas no arquivo temático “J – Baudelaire”. No entanto, talvez ela tenha sido a que teve mais ressonância em suas investigações ao longo da década de 30. Pois, como lembra

Kaulen no *Comentário* à resenha em questão na *Kritische Gesamtausgabe* (Edição geral crítica), além de sua recuperação entre os fragmentos das *Passagens*, “Benjamin usou mais tarde a crítica no contexto de seus estudos sobre Baudelaire” (Kaulen in Benjamin *WuN* 13.2: 309). Tanto no primeiro dos fragmentos quanto em uma nota de rodapé do capítulo “A modernidade” do ensaio “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”,⁵ Benjamin cita a mesma passagem do início do livro de Klassen a respeito da suposta importância de um rito clerical da restauração ultramontana para a vida de Baudelaire, a fim de salientar o “retrato deformado, marcado pela mais completa ignorância” (Benjamin *GS V-1*: 380 / J39a, 4) que o crítico possuía do poeta; no ensaio sobre Baudelaire, Benjamin reafirma sua crítica em termos mais próximos aos da resenha, fazendo referência, inclusive, à expressão “capacete de aço” do título (ver Benjamin *GS I-2*: 575-6).

A quarta resenha, finalmente, a propósito da biografia do Barão Haussmann escrita por Georges Laronze, um jurista e servidor público francês, foi publicada no terceiro caderno do terceiro número da *Zeitschrift für Sozialforschung*. A biografia corresponde à entrada 1158 da *Verzeichnis der gelesenen Schriften*, registrada no bloco das leituras concluídas em Paris entre outubro de 1933 e junho de 1934 (ver Benjamin *GS VII-1*: 467).

Benjamin planejou um artigo mais longo sobre o Barão Haussmann para o semanário comunista *Monde*, a pedido de seu

5 BENJAMIN, W. “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. In: *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994, e BENJAMIN, W. “A Paris do Segundo Império na obra de Baudelaire”. In: *Baudelaire e a modernidade*. Ed. e trad. J. Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

redator-chefe, Alfred Kurella, tal como atesta sua correspondência com Gretel Karplus, Gershom Scholem e Bertold Brecht entre dezembro de 1933 e janeiro de 1934 (ver Benjamin *GB IV*: 324, 327, 335-6, 341, 346); esse artigo não veio à luz. Assim, é provável que a resenha do livro de Laronze tenha estado originalmente ligada a este projeto abandonado. “Em vez de escrever o ensaio planejado para o *Monde*”, acrescenta Heinrich Kaulen no *Comentário* à resenha em questão na *Kritische Gesamtausgabe* (Edição geral crítica),

o crítico aproveitou em maior escala seus estudos sobre Haussmann para as *Passagens*, [...] sobretudo no *Konvolut E*, sobre a ‘Haussmannização’ e as ‘Lutas de Barricadas’, no qual encontram-se vários excertos do livro de Laronze” (Kaulen in Benjamin *WuN* 13.2: 466);

mais precisamente, eles se encontram em cinco fragmentos do *Konvolut E*, anotados sequencialmente em uma mesma folha de papel, sob as entradas compreendidas entre E 3a, 1 e E 3a, 5 (ver Benjamin *GS V-1*: 188-9). O teor das anotações é, basicamente, descritivo; Benjamin não emite juízos de valor ou tece comentários a respeito da citação transcrita. Na primeira entrada, por exemplo, Benjamin cita – com aprovação – os comentários de Laronze a respeito de um discurso proferido por Haussmann em novembro de 1864, no qual o Barão adotava um tom de audácia; já na quarta entrada, Benjamin cita um paradoxo identificado por um deputado independente, chamado conde Dufort-Civrac, segundo o qual as novas artérias propostas na reforma de Haussmann, que deveriam facilitar a repressão das rebeliões, favoreceriam o seu surgimento, já que, para cons-

truí-las, a concentração de uma massa de operários seria imprescindível.

**F[ÉLIX] ARMAND ET R[ENÉ]
MAUBLANC, FOURIER. 2 TOMOS.
PARIS EDITIONS SOCIALES
INTERNATIONALES 1937. 264 P.1***

Walter Benjamin

Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira

Durante toda sua vida, Fourier tentou escrever de forma a ir ao encontro do público. Acima de tudo, se esforça em se adaptar, na medida do possível, à sua “*papillonne*” (paixão borboleteante), à sua ânsia de distração. Ele recorre a procedimentos que lembram Jean Paul (com quem mantém de fato uma profunda afinidade); de um modo peculiar, intercala prólogos e preâmbulos, postâmbulos, corolários, oposições e interlúdios ao texto, criando signos (*Zeichen*) tanto novos quanto desconhecidos no repertório habitual, marcas de identificação de uma forma particular de agrupamento filosófico. Desta forma, ele dificultou a leitura contínua de seus livros e legitimou as tentativas antológicas a respeito de sua obra como poucos outros autores. Elas foram

* Consultou-se, também, a tradução para a língua italiana, “F[élix] Armand e R[ené] Maublanc, Fourier”, em Benjamin OC VI: 516-7. A resenha já foi publicada na edição crítica, conferir: *WuN* 13.1: 486-8.

empreendidas muitas vezes; uma mais recente de A. Pinloche foi resenhada nesta mesma revista em 1934.*

A antologia de Armand e Maublanc se distingue das anteriores da forma mais profícua. Ela vai mais longe no desmembramento (*Zerschlagung*) do texto do que foi feito até agora. Isto se mostra muito justificado. Não apenas porque desta forma, promovida por meio de palavras-chave (*Stichworte*), slogans (*Losungen*) ou teses com as quais os editores intitularam os fragmentos, a sensação (*Eindruck*) atraente que Fourier buscou dar a seus escritos é de fato alcançada; o procedimento é ainda sugerido pela técnica de composição de Fourier. Este curioso homem foi algo retrógrado em sua escrita. Nele, tal como nos escritores e retóricos do século XVII instruídos no *gradus ad Parnassum*, esbarra-se com uma profusão de expressões estereotipadas por meio das quais ele enriquece seu texto a cada oportunidade – expressões que reconhecidamente não são retiradas da convenção clássica, mas de seus próprios cadernos de estudo. Tais repetições tiveram de ser evitadas, e os editores conseguiram fazê-lo.

Por meio de uma edição da erotologia de Fourier, M(aublanc) já havia comprovado que possuía um particular entendimento para as excentricidades desse autor. Ao conceder um espaço particularmente amplo a esses “elementos românticos” – como ele os nomeia na introdução –, Maublanc aproxima o leitor daquelas páginas de Fourier que haviam sido,

* Benjamin se refere aqui à resenha de sua autoria do livro de 1933 de Auguste Pinloche, intitulado *Fourier et le socialisme*, a qual foi publicada no segundo caderno do terceiro volume da revista do Instituto de Pesquisa Social, a *Zeitschrift für Sozialforschung*, em 1934; naturalmente, ela pode ser conferida em Benjamin GS III: 427-8 / WuN 13.1: 447-8.

também para Marx e Engels, as mais atrativas. Efetivamente, Fourier aparece nessa escolha como o escritor que “contrapõe, com humor ingênuo”, sua “perspectiva [*Anschauung*] colossal do homem [...] à modesta mediocridade dos homens da restauração”. Essas palavras contêm a chave para muitas das divagações do autor, e pode-se perguntar, com o editor, se o próprio Fourier não as havia deixado tão preparadas. Seja como for, seu humor encobre uma implacável crítica a seus contemporâneos. (Analogamente, no humor de Daumier é com frequência conservado um elemento satírico). Dentre as três seções da antologia, os editores reservaram a parte do meio à crítica da ordem social, que Fourier praticou tendo em conta suas experiências de vendedor. Das duas restantes, uma ocupa-se da “*Philosophie générale*” (“Filosofia geral”) de Fourier, a outra da “*Utopie phalanstérienne*” (“Utopia falansteriana”). A relação de tensão entre a primeira e a terceira seção, a saber, entre o deísmo do metafísico e o hedonismo do utopista, pode dar o que pensar ao historiador. Em Fourier, que, como observa a introdução, havia sido realmente um homem do século XVIII, esse século – que produziu um Bayle ao lado de um Swedenborg, um Basedow ao lado de um Sade –* pode aparecer em sua contrariedade (*Widersprüchlichkeit*) de forma concentrada.

* Pierre Bayle (1647-1706) foi um eminente filósofo calvinista francês, muito lido e debatido pelo racionalismo do século XVIII – ver, por exemplo, a *Teodiceia* de G. W. Leibniz. Emanuel Swedenborg (1688-1772) foi um polímata e espiritualista sueco. Johann Bernard Basedow (1724-1790) foi um pedagogo, teólogo e filósofo alemão, fundador da escola reformista e progressista *Philantrophinum* e autor do “Livro Elementar” utilizado na escola. Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade (1740-1814) foi um escritor libertino francês, famoso pelas críticas à moralidade baseada na ideia de “bons costumes”.

Original: BENJAMIN, Walter. “F[élix] Armand et R[ené] Maublanc, Fourier”. *In: Gesammelte Schriften. Bd. III. Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.*

Recebido 29/03/2021

Publicado 15/02/2022

KIERKEGAARD. O FIM DO IDEALISMO FILOSÓFICO*

Walter Benjamin

Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira

A última tentativa de assumir plenamente ou de dar continuidade ao universo conceitual de Kierkegaard proveio da “teologia dialética”, de Karl Barth.** As ondas desse movimento teológico se encontram, em suas extremidades, com os círculos oriundos do pensamento existencialista de Heidegger. A presente tentativa – Theodor Wiesengrund-Adorno, Kierkegaard –*** aborda o objeto por um ângulo completamente diferente. Aqui, Kierkegaard não é levado adiante, mas de volta: de volta ao núcleo mais íntimo do idealismo filosófico, em cujo círculo de influência a intenção propriamente teológica do pensador permaneceu condenada à impotência.

* Consultou-se, também, a tradução para a língua inglesa, “Kierkegaard. The End of Philosophical Idealism”, em Benjamin *SW* 2.2: 703-5, bem como para a língua italiana, “Kierkegaard. La fine dell’idealismo filosofico”, em Benjamin *OC* V: 473-5. Essa resenha já foi publicada na edição crítica, conferir: *WuN* 13.1: 401-3.

** Karl Barth (1886-1968) foi um teólogo suíço muito influente no século XX.

*** Theodor Wiesengrund-Adorno. *Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen*. Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1933. 166 p. (*Beiträge zur Philosophie und ihrer Geschichte*, 2).

O questionamento de Wiesengrund é assim, se quisermos, de tipo histórico. Em sua elaboração, porém, ele revela a partir de quais interesses extremamente atuais emergiu sua investigação metodicamente tão cautelosa. Ela leva para uma crítica do Idealismo Alemão, cuja decifração provém de seu período tardio. Pois Kierkegaard é um retardatário. A caracterização muito feliz de Wiesengrund da natureza híbrida da manifestação intelectual dele, que parece transformar frequentemente seus frutos em bastardos da poesia e do conhecimento, lança luz sobre os elementos ocultos do idealismo que nele atuam. No idealismo estético do Romantismo despontam, pois, em geral, os elementos míticos do idealismo absoluto, cuja exposição lógica e histórica constitui o cerne na pesquisa de Wiesengrund.

O autor mostra o mítico não apenas na filosofia existencialista de Kierkegaard, mas em “todo idealismo do espírito absoluto”. No entanto, em nenhum lugar – nem no Schelling tardio e em Baader –* encontrou sua expressão em formações tão originais, fiéis a seu tempo e elucidativas como em Kierkegaard. A revelação e descrição muito precisas e exaustivas dessas formações dá a algumas páginas da investigação algo de uma fantasmagoria. Mas a intuição (*Einsicht*) ou a força do impacto nunca se dá às custas da precisão crítica – como é frequentemente o caso na “história cultural”. E, todavia, nenhuma história cultural

* Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854) foi um filósofo alemão que contribuiu bastante com o desenvolvimento pós-kantiano do Idealismo Alemão. Franz Xaver von Baader (1765-1841) foi um leigo católico romano que se tornou um influente teólogo místico. Ambos fizeram forte oposição às ideias iluministas, rejeitando a noção kantiana de autonomia moral, por exemplo; além de ter havido influência recíproca entre eles.

deste século XIX será capaz de assimilar a força imagética das constelações, em que Kierkegaard, a partir do centro de seu pensamento, aproxima-se ora de Hegel, ora de Wagner, ora de Poe, ora de Baudelaire. À visão panorâmica da perspectiva sobre o século XIX corresponde a profundidade da perspectiva sobre o passado. Pascal e o inferno alegórico do Barroco são aqui o átrio que leva àquela cela, na qual Kierkegaard se entrega ao luto, e a qual ele partilha com a ironia, sua amada postiça.

Mas este mundo de imagens, em cujos labirintos e reflexos (*Spiegelungen*) residem as mais essenciais experiências de Kierkegaard, foi percebido por ele próprio como algo insignificante, arbitrário, idiossincrático; e a total e soberba pretensão de sua filosofia existencialista baseia-se na convicção de ter superado, nela mesma, enquanto distrito do “interior”, da “pura espiritualidade”, a aparência (*Schein*) por meio da “decisão”, da atitude existencial e religiosa, em suma. Aqui Wiesengrund, numa penetrante análise do conceito de existência, torna-se um incorruptível crítico de Kierkegaard. A “fraudulenta teologia da existência paradoxal” é submetida a um escrutínio até seus fundamentos. E assim Wiesengrund discerne que

a ‘profundidade’ de Kierkegaard – se quisermos reter esse conceito muito erroneamente utilizado – não consiste de modo algum, sob o invólucro de formas de pensamento idealistas, numa reabilitação de um sentido religioso absoluto e originário.

Ao contrário, como sentido originário do próprio idealismo, Kierkegaard “permitiu que o teor [*Gehalt*] mítico fosse absorvido

no seu ocaso histórico como um teor simultaneamente histórico”.

Desse modo, a interioridade kierkegaardiana obtém sua localização determinada na história e na sociedade. Seu modelo é o *intérieur* burguês, no qual se entrecruzam traços históricos e míticos. A boa pena de Wiesengrund retira da obra de Kierkegaard uma série de descrições fascinantes de tais espaços interiores. Neles, revela-se a interioridade enquanto “a prisão histórica da essência humana pré-histórica”. Mas tal interioridade não é, como achava Kierkegaard, o “salto” que liberta a humanidade desse aprisionamento por meio da força mágica do “paradoxo”.

Em nenhum outro momento Wiesengrund alcança maior profundidade do que quando, desobedecendo os padrões da filosofia kierkegaardiana, procura sua chave em suas relíquias mais discretas, nas imagens, similitudes, alegorias. É no movimento do desaparecimento (do pintor) na imagem (por ele mesmo pintada), transmitido a partir da lenda chinesa, que Wiesengrund discerne a última palavra dessa filosofia. O eu é “salvo como desaparecimento através da diminuição”. Esta entrada na imagem não é redenção, mas é consolação. Consolação cuja fonte é a fantasia “como Organon de uma passagem sem emenda do mítico-histórico à reconciliação”.*

Nesse livro muito cabe em pouco espaço. É bem possível que surja daqui, em alguma ocasião, o pensamento posterior do

* Na versão publicada da resenha, apenas o primeiro período desse parágrafo se manteve, sendo anexado ao fim do parágrafo anterior. Assim, como explica o comentário do editor da nova edição crítica, em Benjamin *WuN* 13.2: 388, a passagem “É no movimento do desaparecimento [...] uma passagem sem emenda do mítico-histórico à reconciliação” foi cortada pela redação.

Kierkegaard. O fim do idealismo filosófico

autor. Em todo caso, esse livro pertence àquela rara classe de primeiros trabalhos na qual se manifesta um pensamento estimulante na crisálida da crítica.

Original: BENJAMIN, Walter. “Kierkegaard. Das Ende des philosophischen Idealismus”. In: *Gesammelte Schriften*. Bd. III. Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.

Recebido 29/03/2021

Publicado 15/02/2022

BAUDELAIRE SOB O CAPACETE DE AÇO*

Walter Benjamin

Tradução de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira

Escritos inteiramente miseráveis têm em comum com escritos inteiramente primorosos o fato de possuírem sua essência perfeitamente manifesta e presente no aspecto linguístico (*Sprachlichen*). Cada terceto de Dante ofereceria na análise prosódica uma silhueta do que nela se diz ser factual ou ter ocorrido. Do mesmo modo, cada frase de um Peter Klassen** possui o reflexo linguístico da aspereza com a qual o autor conduz o que entende ser o pensar. Não se lhe pode creditar que o que o levou a esse ponto foi apenas sua própria indigência, mas o declínio de

* Consultou-se, também, a tradução para a língua italiana, “Baudelaire sotto l’elmetto”, em Benjamin *OC IV*: 474-5. Vale destacar que o capacete de aço – *Stahlhelm* – do título da resenha possui forte teor político: de um lado, *Stahlhelm* designa o tipo de capacete adotado pelo exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial (a partir de 1916), em substituição a outro tipo de capacete, o *Pickelhaube*; de outro, como destaca em nota o tradutor João Barrento, a imagem desse capacete de aço “remete à associação de combatentes de extrema-direita, com este mesmo nome – *Stahlhelm* –, que apoiou Hitler” (Benjamin 2015: 74, nota 21). Essa resenha se encontra publicada na edição crítica, conferir: *WuN* 13.1: 326-8

** KLASSEN, Peter. *Baudelaire. Welt und Gegenwelt (Baudelaire. Mundo e contra-mundo)*. Weimar: Erich Lichtenstein Verlag (1931) 150 p.

uma escola inteira. Pois o que quer que se pense desta escola – falamos da escola de Stefan George –, foi ela que, nos escritos de um Hellingrath ou um Kommerell,^{*} forneceu modelos de uma pesquisa capaz de ir a fundo nas coisas. Nada disso se nota neste livro extremamente pretensioso em termos de tom e atitude, que empilha um Ossa de clichês sobre um Pelião de ódio e acredita, assim, ter se içado à altura de Baudelaire.^{**} Os clichês se aplicam ao “universo dos poderes, emoções e impulsos”, entronizando-se o “espírito artístico sanguíneo”, como ‘profeta extasiado de sonho’ daquele universo, na “sala de consagração de sua poesia”; o ódio – podemos ser breves aqui – se aplica à França. Baudelaire, com seu pensamento “tão afinado ao alemão”, com sua existência (*Dasein*) alimentada “a partir de uma visão primordialmente misteriosa” – e como contraparte (*Pendant*) do sub-humano, o francês incapaz de “observar o crescimento natural senão como uma trama artificial”, “assim como a paisagem e o corpo humano abordam esse francês somente através da moldagem e do embelezamento artificiais”: *c’était à trouver*, como dizem os franceses; e isso é expresso em um alemão que deixa escapar, com longas frases, a língua estrangeira. O empolamento (*Schwulst*) que esta escola criou para si mesma e diante do qual o

* Norbert von Hellingrath (1888-1916) foi um germanista alemão, famoso por ter redescoberto a obra de Friedrich Hölderlin. Max Kommerell (1902-1944) foi um historiador literário alemão e autor de importantes trabalhos sobre a poesia alemã. Há uma resenha a respeito de um dos principais trabalhos deste último, que pode ser conferida em Benjamin *GS* III: 252-9 / *WuN* 13.1: 271-9. Ambos mantiveram relações com o círculo de George.

** Ossa e Pelião são montes localizados em Tessália, na Grécia. Na mitologia grega, quando os irmãos gêmeos Oto e Efiltes tentaram invadir o Olimpo, eles empilharam o Monte Pelião no Monte Ossa, a fim de escalar as alturas do céu.

marinismo, o eufuismo e o gongorismo* parecem ser variantes caseiras de uma linguagem coloquial, tem dificuldade em impor-se contra o alemão. Mas o esforço vale a pena. Pois quem ainda leria tais livros, quando ali, em lugar de “pulsão vital da existência corpórea [*leibhaften Daseins*], do eros”, estivesse algo como amor; em lugar de uma “exibição do inicial” estivesse algo como intuição em direção à origem; e quando sob expressões como “pré-natureza alfabética” ou os “olhares espirituais devastadores do mundo do pária mais envolto no vento dos poderes” se pudesse imaginar (*vorstellen könnte*) em geral o mínimo possível? O recenseador pode fazê-lo (e apreendeu que aqui se trata de uma recomendação da escravatura do ponto de vista cosmético), mas precisamente por isso ele considera não valer a pena a leitura de tais livros. Está claro que um autor, ocupando-se plenamente com a checagem de tais sutilezas, tendo que fazer do figurado a “figuratividade”, do uso o “proveito”, da debilidade uma “debilitação”, por isso então devendo fazer da sabedoria humana uma “sabedoria do homem”, não reserva muito do tempo restante para Baudelaire. Ele compensa tal fato por meio de digressões. A título de exemplo, uma constatação como “o avanço do espírito democrático-liberal anda de mãos dadas com o avanço da sífilis” o leitor não encontrará facilmente noutro lugar. A menos que tivesse em mãos o panfleto de Baudelaire contra a Bélgica e se deparasse com a perturbadora frase final do

* Marinismo, eufuismo e gongorismo foram expressões de um estilo literário inserido na estética barroca caracterizado pela afetação, semelhante ao do poeta Giambattista Marini (1569-1625), e que adotou diferentes nomes de acordo com o país onde se difundiu: na Itália, por exemplo, teve o nome de marinismo, na Inglaterra, chamou-se eufuismo e na Espanha, gongorismo.

poeta, que naqueles meses não podia acalentar mais nenhuma dúvida a respeito da natureza de sua doença: “*Nous avons tous l’esprit republicain dans les veines, comme la vérole dans les os, nous sommes démocratisés et syphilités*”.* Sobre um autor que tira partido de um grito como esse ao chamar a atenção pública para sua patética opinião pessoal, é desnecessário fornecer mais informações. Para a escola na qual se formou souou a última badalada do sino.

Original: BENJAMIN, Walter. “Baudelaire unterm Stahlhelm”. In: *Gesammelte Schriften*. Bd. III. Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.

Recebido 29/03/2021

Publicado 15/02/2022

* “Todos possuímos o espírito republicano em nossas veias, como a varíola nos ossos, nós somos democratizados e sifilizados” (A frase encontra-se em Baudelaire, C. *Oeuvres complètes*, tome II: 961. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1976).

GEORGES LARONZE, LE BARON HAUSSMANN. PARIS: LIBRAIRIE FÉLIX ALCAN, 1932.*

Walter Benjamin

Tradução e seleção de Fernando Araújo Del Lama e Lutti Mira

Não há um ponto de partida mais favorável para uma caracterização sociológica do Segundo Império do que o estudo da atividade que o Barão Haussmann, prefeito do Sena, desenvolveu como urbanista em Paris. Haussmann foi um arrivista a serviço de um usurpador. Durante Napoleão III, os momentos mercantis e militares, que exigiam uma transformação da paisagem urbana, combinaram-se com a ambição de imortalizar seu reinado de paz em monumentos. Em Haussmann ele encontrou a força de que precisava. Laronze chama, com razão, o barão de “*réalisateur* [realizador]”. De todos os títulos, este é o menos passível de contestação. Além disso, seu novo biógrafo empenha-se numa descrição predominantemente pragmática de sua vida, que tem seus principais méritos na caracterização da ascensão de

* Consultou-se, também, a tradução para a língua italiana, “Georges Laronze, Le Baron Haussmann”, em Benjamin OC VI: 190-1. Essa resenha foi publicada na edição crítica, conferir: *WuN* 13.1: 464-6.

Hausmann. Suficientemente precoce e de modo hábil, ele preparou a presidência, depois o império de Napoleão, para mais tarde ocupar a mais alta posição de confiança ao seu redor. A eficácia urbanística que ele exerceu neste posto foi caracterizada por certos autores de maneira mais depreciativa e, conseqüentemente, mais incisiva do que a de seu atual biógrafo (consulte-se a caracterização detalhada da era Hausmann em L. Dubech e P. d'Espézel, "Histoire de Paris" (História de Paris), Paris 1926). Por outro lado, os contextos político e administrativo desta atividade urbanística recebem em Laronze a devida iluminação. Desta forma, são sobretudo os interesses policiais deste violento projeto de construção que vêm à luz, para o qual os contemporâneos não por acaso deram o nome "*l'embelissement stratégique* [embelezamento estratégico]". Tais fontes falam uma linguagem mais clara do que os discursos solenes com os quais o prefeito costumava inaugurar os novos arruamentos. Já sob Luís Felipe partes da cidade foram pavimentadas com madeira, "para retirar o material de construção da revolução. A partir de blocos de madeira", escreveu nessa ocasião Gutzkow* de Paris, "não se permite mais que barricadas sejam feitas". Mas quão retrógrada parece essa intervenção quando comparada com a radical operação de Hausmann, que atravessou obliquamente Paris com arruamentos retilíneos, de modo a ligar as casernas com os bairros proletários – e tais arruamentos foram construídos com uma tal amplitude que nenhuma barricada poderia bloqueá-los. Evidentemente, a "história secreta" da última reorganização de Paris

* Karl Gutzkow (1811-1878) foi um escritor alemão e um dos expoentes do movimento literário Jovem Alemanha (*Junge Deutsch*).

não se exaure nessas conexões. O que Hegemann* tão brilhantemente realizou em relação à Berlim – a fixação (*Verklammerung*) da história urbanística e social de uma cidade – resta ainda a ser realizado em relação à Paris de Haussmann. Laronze revela justamente o bastante para que seja permitido pressentir o significado do tema; ele mostra como a jurisprudência do tribunal de cassação se coloca a serviço de uma oposição contra os prefeitos, na qual se reúnem os opositores do Regime – Legitimistas e Republicanos. O autor acompanhou minuciosamente então a carreira de Haussmann para além de sua queda. E isto é louvável. Os erros e especulações equivocadas que se acumulam até o final de sua vida indicam o quão oportuno era para Haussmann criar, por meio de suas ações, a brilhante moldura na qual pôde impor-se longamente. Fora dessa moldura, no ambiente dos banqueiros e financistas de seu tempo, as ações são aquelas de um grande burguês no apogeu do imperialismo. A vigorosa tacanhês é o cerne do homem cujos planos, de tão grandiosos, careciam inegavelmente da perspectiva de passado e de futuro. Sua concepção das tarefas do urbanismo foi dificilmente mais sólida do que sua sensibilidade para a beleza histórica e a dignidade de sua cidade natal.

* Werner Hegemann (1881-1936) foi um proeminente urbanista alemão. A referência a ele provavelmente se deve a seu livro *Das steinerne Berlin. Geschichte der größten Mietskasernenstadt der Welt* (Berlim rochosa. História da maior cidade de cortiços do mundo), publicado em 1930 e resenhado por Benjamin em setembro do mesmo ano; o texto da resenha pode ser conferido em Benjamin GS III: 260-5 / WuN 13.1: 280-6.

Georges Laronze, *Le Baron Haussmann*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1932.

*Original: "Georges Laronze, Le Baron Haussmann". Gesam-
melte Schriften. Bd. III. Hrsg. R. Tiedemann und H.
Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.*

Recebido 29/03/2021

Publicado 15/02/2022